

Cidade, trabalho e lazer: as experiências urbanas na perspectiva de haitianos em Joinville (SC)

*City, work and leisure: urban experiences from the perspective of
Haitians in Joinville (SC)*

Orlando Afonso Camutue Gunlanda

Mateus Santos

Resumo: Neste artigo discutem-se as relações entre cidade, trabalho e lazer a partir dos olhares e saberes de pessoas haitianas residentes em Joinville, Estado de Santa Catarina. As discussões apresentadas resultam de uma pesquisa que teve como objetivo principal compreender os sentidos que sujeitos haitianos atribuem à cidade de Joinville a partir de suas experiências e trânsitos por ela. A partir dos saberes da psicologia social em perspectiva crítica problematizam-se os modos de vida urbana, as relações que nela são produzidas e os lugares que cada corpo ocupa nessa paisagem, entre eles destacam-se os corpos negros, imigrantes, de nacionalidade haitiana. Como resultados, a pesquisa evidencia que maior parte dos entrevistados trabalha em setores industriais da cidade; o trabalho é tido como a principal fonte de renda para o sustento das famílias no Haiti; e o lazer é produzido a partir dos encontros entre amigos e conhecidos haitianos, na maior parte das vezes nos espaços de residências e não nos locais públicos da cidade.

Palavras-chave: Cidade; trabalho; lazer; relações étnico-raciais; psicologia social.

Abstract: This article discusses the relationship between city, work and leisure based on the views and knowledge of Haitian people living in Joinville, State of Santa Catarina. The discussions presented result from a research that had as main objective to understand the meanings that Haitian subjects attribute to the city of Joinville from their experiences and transit through it. From the knowledge of social psychology in a critical perspective, the ways of urban life, the relations that are produced in it and the places that each body occupies in this landscape are problematized, among them the black bodies, immigrants, of Haitian nationality. As a result, the research shows that most of the interviewees work in industrial sectors of the city; work is seen as the main source of income to support families in Haiti; and leisure is produced from meetings between friends and Haitian acquaintances, most often in the spaces of residences and not in public places in the city.

Keywords: City, work, leisure, ethnic-racial relations, social psychology.

INTRODUÇÃO

A cidade é lugar de inscrições históricas e espaço de realização da vida. Ela apresenta-se como uma “composição de materiais diversos - pedra, tijolos, cimento, areia, asfalto, plantas, entre outros -, de interações sociais, da vida social que a realiza, e ao mesmo tempo pelas sensibilidades ali presentes” (BERRI; ZANELLA; ASSIS, 2015, p. 127). Essa condição faz do espaço urbano lugar de múltiplos encontros e muitas experiências.

A cidade é, por conseguinte, espaço de relações sociais e produção de subjetividades. Configura-se como lugar de encontro, de potência de vida, onde as relações vividas, das quais os sujeitos participam, são constitutivas de suas características singulares (ASSIS, 2016).

Por isso, na cidade coexistem diferentes vozes sociais que produzem, constantemente, variados modos de habitá-la. Segundo Barros (2015), vozes sociais são

produtos da criação ideológica ou de uma enunciação, com tudo o que está aí subentendido: contexto histórico, social, cultural, etc. Em outras palavras, nenhuma voz social existe fora da sociedade, só existe nela e para ela e não pode ser reduzida à sua materialidade linguística ou dissolvidas nos estados psíquicos daqueles que a produzem ou a interpretam (p. 27).

Não há, portanto, uma cidade homogênea, com modos de vida comuns a todos, nem mesmo uma cidade experimentável de igual forma para todas as pessoas. A cidade é heterogênea, constituída por uma multiplicidade de tensões e, ao mesmo tempo, espaço de constituição de sujeitos, caracterizados por suas singularidades (BARBOSA; ZANELLA, 2014; BATISTA; FERREIRA, 2012).

Por conta disso, a polifonia, tensão e o movimento constituem a paisagem urbana. Polifonia na medida em que existe um conjunto de vozes sociais ecoando na cidade, entretecendo passado, presente, futuro e configurando o cenário do que se apresenta como atual (BAKHTIN, 2008). A partir das

discussões de Canevacci (2004), entende-se que o aspecto polifônico da cidade é caracterizado pelo entrecruzamento de diversas vozes copresentes nos espaços de trânsito e comunicação urbana.

Além da polifonia, outra característica que constitui a urbe é a tensão, ou seja, na medida em que o corpo da cidade congrega um conjunto de corpos que ocupam espaços são estabelecidas hierarquias e normatizações, produzem-se diversas tensões. Por este motivo, a tensão se apresenta como premissa importante para a compreensão dos diferentes processos que acontecem na dinâmica urbana, entre eles os processos migratórios.

Constantemente pessoas deixam seus países de origem para percorrer outros, processo que pode ser por um determinado período de tempo ou de forma definitiva. A complexidade desses deslocamentos, as novas tessituras que se originam desse processo, as tensões étnico-raciais, as inúmeras negociações e reconfigurações que pessoas imigrantes precisam desenvolver e o modo como as cidades, especificamente o caso de Joinville, se organiza com a presença desses novos corpos são questões que se apresentam como relevantes para as pesquisas em psicologia social na contemporaneidade.

Para Cotinguiba (2014) há muito tempo, a mobilidade de pessoas no mundo é caracterizada por inúmeros fatores, tais como perseguições políticas, cataclismos naturais, fome e violência vinculadas à esperança de encontrar estabilidade em outras terras. Apesar destes fatores, a compreensão do fenômeno migratório nem sempre é alcançada em sua plenitude, logo essas mobilizações incrementam as diferenças culturais entre os povos, e, os mesmos acabam sendo expostos à intolerância, à exclusão e à discriminação nos países de migração.

A princípio, um dos desafios do estrangeiro é a superação das diferenças culturais encontradas no país destinado. Tendo como desafio inicial o domínio da língua, sendo este, um obstáculo para acessar e participar da dinâmica de uma cidade. Nesse processo realiza-se em espécie de negociação de visões de mundo a fim de constituir uma gramática capaz de diminuir as diferenças

existentes entre imigrantes e nacionais; fator indispensável à socialização (AZEVEDO, 2016).

O objetivo central do estudo que realizamos foi compreender os sentidos que os sujeitos haitianos residentes em Joinville atribuem à essa cidade, localizada na região sul do país. Além disso, foi objetivo específico da pesquisa compreender os modos de circulação na cidade e as formas de produção de lazer que esses estrangeiros constituíram.

Na atualidade, os processos de migração podem ser descritos pelo menos a partir de três perspectivas: migrações realizadas por situações de risco social e vulnerabilidade socioeconômica dos países de origem; migrações por motivos de trabalho; e migrações que são feitas por motivos pessoais. Em todos os casos realizam-se interações que reconfiguram as cidades do ponto de vista cultural, econômico, social e político.

Além da condição de estrangeiros, os sujeitos que participaram da pesquisa eram todos negros. Portanto, a condição étnico-racial possibilitou modos específicos de acessar a cidade, além da condição de classe e gênero. São corpos que experimentam cotidianamente as variadas formas de opressão: classe, raça e gênero. Especialmente numa cidade que assume para si a narrativa de ser um território majoritariamente germânico, branco.

Os trabalhos de Lilian Moritz Schwarcz (1995), Kabengele Munanga (2004) e Lia Vainer Schucman (2012), sinalizam o fato de que as classificações da humanidade pelo critério racial deram suporte para o surgimento daquilo que chamamos de “ideologias racistas”, isto é, a categoria “raça” tornou-se uma das principais formas de compreensão das produções culturais, superioridade moral, intelectual, política dos povos europeus, ampliando as condições para a escravização, colonização e criação de políticas racistas que produziram modelos de preservação do patrimônio racial branco-europeu. Schucman (2012) define o racismo como sendo

Qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre seres

humanos, baseado no conceito de raça. Isso porque, mesmo esse critério não tendo nenhuma realidade biológica, o ato de atribuir, legitimar e perpetuar as desigualdades sociais, culturais, psíquicas e políticas à “raça” significa legitimar diferenças sociais (p. 41).

Schucman (2014) destaca ainda que as ideologias racistas diz respeito ao modo como manifestam-se as relações racistas: (1) nas relações interpessoais – *racismo individual* e, (2) nas relações institucionais – *racismo institucional*. No primeiro caso, o racismo evidencia-se nas relações interpessoais mediante ações/dizeres/saberes de discriminação racial. Já no segundo caso, os mecanismos de discriminação racial estão inscritos nas estruturas sociais que compõem a paisagem urbana. Assim, discutir o racismo sob esta perspectiva implica problematizar os processos que engendram saberes construídos nos espaços sociais a partir da diferenciação das pessoas pela sua cor de pele, objetivando-se no modo como cada pessoa acessa a cidade, circula e produz sua vida nela.

No caso dos sujeitos dessa pesquisa, além da condição de estrangeiros, experimentam cotidianamente as opressões produzidas pela racialização dos seus corpos. São corpos negros, corpos que tendem a ser menos valorados no espaço social como o de Joinville e expostos às mais diversas formas de violências estruturadas pelo racismo constituinte das cidades brasileiras, especialmente as da região sul.

PERCURSO METODOLÓGICO

Peter Kevin Spink (2008) compreende a pesquisa em psicologia social como processo de investigação dos acontecimentos do dia-a-dia. Por isso, o(a) pesquisador(a) “deve se conectar aos fluxos constantes de pessoas, falas, espaços, conversas e objetos, de modo a mapear e analisar as práticas sociais cotidianas” (GOMES, 2017, p. 3).

Dessa forma, pesquisar o cotidiano de uma cidade, as relações que são produzidas nela, bem como os sentidos que os sujeitos dessa cidade produzem acerca de suas experiências cotidianas faz da pesquisa em psicologia uma prática social de conversa e de debate nos encontros diários (SPINK, 2008).

Participaram da pesquisa apenas estrangeiros de nacionalidade haitiana, negros, residindo na cidade há mais de um ano. Foram entrevistadas pessoas maiores de dezoito anos, com idades compreendidas entre 23 a 54 anos. O projeto foi submetido e aprovado pelo comitê de ética em pesquisa sob o número 3.275.653. Cada um dos participantes da pesquisa recebeu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foram informados sobre todos os procedimentos da pesquisa e seus possíveis desdobramentos.

A ida ao campo, para produção das informações, ocorreu durante os meses de julho e agosto de 2019, totalizando 15 dias. Para isso, foram utilizadas gravações em áudio. As entrevistas duraram em média vinte e cinco minutos cada uma, somando o total de duas horas e cinquenta minutos de conteúdos gravados. Para a preservação da identidade dos participantes da pesquisa, substituímos os nomes pelos seguintes números sequenciais (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7).

Quadro 1 – perfil dos participantes.

Participantes	Idade	Sexo	Bairro	Profissão	Tempo na cidade
P1	34	Masculino	Boa Vista	Op. Produção	5 anos
P2	27	Masculino	Jardim Iririú	Op. Produção	6 anos
P3	34	Masculino	Iririú	Op. Produção	3 anos
P4	23	Masculino	Itinga	Op. Produção	1 ano
P5	41	Masculino	Boa vista	Op. Produção	5 anos
P6	32	Feminino	Itaum	Atendente e Op. Produção	4 anos
P7	54	Masculino	Itaum	Proprietário de loja de roupas	3 anos

Fonte: Entrevistas realizadas (2019).

O processo de análise das informações produzidas pela pesquisa foi realizado a partir dos pressupostos teóricos da Análise Dialógica do Discurso (ADD). Para a ADD o dialogismo é tanto o princípio constitutivo da linguagem como a condição do sentido do discurso. Com isso, se compreende que o discurso não é individual, mas histórico, dialético e social.

Assim, as relações histórico-sociais formam as consciências. Ao mesmo tempo, as “consciências, uma vez constituídas, interagem entre si constantemente produzindo o mundo, os sistemas de referências e os planos histórico-sociais. Portanto, a dialogia se apresenta como condição elementar para a existência histórica” (BAKHTIN, 2013, p. 54). Para tal, consideramos cada fala dos participantes da pesquisa a partir dos dois aspectos de um enunciado: o verbo-visual e o extra verbal (BAKHTIN, 2013).

No primeiro aspecto consideramos as interações verbais, os gestos, as entonações e os dizeres produzidos durante as falas dos sujeitos de pesquisa. Com o segundo aspecto consideramos aquilo que era presumido, isto é, “os conhecimentos que não estão explicitamente demarcados na materialidade analisada, mas, sim, nos implícitos sócio-histórico-ideológico-contextual de um enunciado” (MENEGASSI; CAVALCANTI, 2013, p. 440).

INTERSECCIONALIDADE DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EXPERIÊNCIA COM A CIDADE

Na região sul do país, em meados do século XIX, houve uma forte promoção da colonização do seu território por imigrantes europeus, principalmente alemães, italianos e poloneses, tendo como objetivo dessa imigração o incentivo, o povoamento e a instalação de pequenos agricultores (WEBER *et al*, 2019). Atualmente, o Brasil prossegue vivenciando um fluxo migratório, especificamente com uma mudança da nacionalidade de imigrantes, com entrada significativa de haitianos e outros povos.

Conforme visto nos processos históricos, não existe um único motivo para esse fluxo migratório e sua origem pode ser configurada em múltiplos fatores, tais como política externa, no caso de guerras, desastres ambientais, perseguições políticas, vulnerabilidade e instabilidade social, que os levaram a deixar seu país de origem (WEBER *et al*, 2019). Desse modo, as principais evidências de se fixarem no país, encontram-se na possibilidade de conquistar um trabalho e manter a família.

Silvio Almeida (2019, p. 32) compreende o racismo como uma forma sistemática de “discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos”. O mesmo autor entende que no contexto brasileiro qualquer discussão racial deve considerar a existência de três concepções de racismo: o individual, o institucional e o estrutural. O individual compreende as relações entre racismo e subjetividade; o institucional diz respeito às relações entre racismo e Estado; e, por fim, o estrutural diz respeito às relações entre racismo e economia.

Rolnik (2009) propõe três imagens-pensamento para compreender os espaços urbanos contemporâneos: a cidade imã, a cidade política e a cidade escrita. Enquanto imã, ela se caracteriza como espaço de concentração populacional cada vez maior, gerando concentração de riqueza e de todos os bens e serviços do capitalismo; como espaço político, a cidade constitui-se de relações de poder entre os diversos agentes que compõem a vida pública; como escrita, o espaço urbano é um conjunto de textos escritos em diferentes temporalidades.

Portanto, pesquisar as experiências que acontecem em qualquer cidade brasileira exige de nós a compreensão de como as relações étnico-raciais compõem os textos da urbe e organizam as relações entre as pessoas, produzindo diferentes modos de ser e estar na cidade.

O participante P1, por exemplo, fez o seguinte relato:

[...] o que é pior é o racismo, a pessoa só te olha e tem um olhar preconceito, isso também pra mim é uma doença. E como curar isso? Só questão de educação entendeu? Para pessoa entender que não é pele que faz uma pessoa, é o que a pessoa é mesmo, o que ela é, quem ela é. Então é questão de cultura, mas todo país tem, até no Haiti tem. (P1)

Outro participante relata encontrar dificuldades na cidade devido à possível falta de abertura com o estrangeiro. *“Aqui em Joinville acho que não é todo mundo que gosta de estrangeiro.”(P3)*. Quando questionado a respeito do sentido disto, P3 respondeu que *“não é todas, mas tem uma parte, tem uma parte que gosta e outra que não gosta muito. Acho que tem gente que não gosta porque sou estrangeiro e vim aqui pra pegar o lugar dele”*. Confirma sua narrativa ao exemplificar uma experiência em sua trajetória na cidade. *“Tem uma vez que eu vi uma pessoa me olhando, daí eu falei bom dia e ele respondeu: sou seu amigo? Ele não respondeu bom dia, apenas perguntou se era meu amigo. Era no mercado e ele estava me olhando”*. (P3).

Na mesma dinâmica da dificuldade atrelada ao racismo, P2 discorre: *“O povo se você não conhece não pode simplesmente chegar, o povo não tá aberto assim de falar com as pessoas entende, o povo Joinvilense é um povo fechado, nas amizades assim”*. Quando questionado sobre o significado do “fechado”, respondeu que era um povo que *“não abre com outras pessoas, tipo estrangeiros para fazer amizade sabe, não sei se é preconceito, não sei se te dizer sabe. Ou por ser outra cultura, mas tem tudo isso”*(P2).

Embora não tenhamos obtido relato de todos os participantes sobre a vivência de cenas racistas no cotidiano, tornou-se necessário pontuar as implicações étnico-raciais nos modos como os imigrantes haitianos negros experimentam e acessam a cidade. Diante do exposto, compreende-se que a discriminação racial negativa – materialização do racismo - contra os imigrantes haitianos se manifestam de diversas formas, tendo a xenofobia como a mais evidente no contexto de Joinville.

OS SENTIDOS SOBRE A PRESENÇA NA CIDADE

Os diálogos com os sujeitos da pesquisa levaram-nos a pensar que a presença de imigrantes haitianos em Joinville inscreve sobre a paisagem da cidade novas presenças, novas imagens e projeta novos encontros. Por isso, Nogueira (2009, p.79) compreende que: “a cidade seria uma esfera privilegiada para o aprendizado das diferenças, por ser uma arena cultural e por nos empurrar à sociabilidade, forçando a percepção das diferenças e sua negociação”.

Com essas novas presenças, a cidade passa a ter novas configurações, previstas no âmbito econômico e cultural. Porém, essa reconfiguração é caracterizada por tensões, negociações, desafios, possibilidades que são tecidas no cotidiano. Um exemplo disso pode ser encontrado na narrativa de P1:

[...] a gente contribui de forma econômica. Ontem, por exemplo, tinha reunião com um grupo de haitianos em questões de investimento. A gente compra casa, quando o imigrante entra no país começa envolver, contribui na economia, incentiva a economia. Então não somente no aluguel, a gente incentiva imobiliária, a gente compra casa e estou pagando muito caro por mês. (P1)

Em conformidade com o sujeito P1, estar na cidade é participar da cadeia econômica da mesma. Ele se sente integrante e contribuinte do mercado econômico. P1 compreende que sua presença na cidade contribui para o mercado imobiliário, não apenas pagando aluguel, mas também investindo um alto valor. Embora sinalize o desafio de custear o alto valor do aluguel, por exemplo, P1 sinaliza a ideia de que sua relevância na cidade se dá na medida em que participa do consumo de certos bens e serviços. É a consciência de consumidor que gera uma espécie de “sujeito útil para a cidade”.

Bader Sawaia (2014) compreende que o capitalismo produz processos dialéticos de inclusão/exclusão. Na perspectiva dessa autora “o papel

fundamental da miséria e da servidão na sobrevivência do sistema capitalista constitui a ideia de que a sociedade inclui o trabalhador alienando-o de seu esforço vital” (SAWAIA, 2014, p. 109). É intrínseco ao capitalismo a reconstituição contínua de formas de desigualdades socioeconômicas. Ao mesmo tempo em que as populações pobres acessam certos serviços e bens produzidos pelo sistema capitalista, esse acesso continua sendo desigual e mantém a funcionalidade da máquina econômica capitalista. Essas populações acessam serviços e bens, mas sempre a partir da margem e periferia do poder econômico.

No caso de Joinville, embora maior parte dos imigrantes haitianos, negros e negras, participam do mercado imobiliário, por exemplo, é necessário lembrar as regiões da cidade em que tais imóveis estão localizados. Na sua maioria localizam-se nas regiões mais afastadas do “eixo concêntrico” da cidade (ROLNIK, 2009). Considerar esses aspectos é fundamental para compormos uma leitura crítica dos discursos que aparentemente enunciam condições igualitárias dos acessos e trânsitos para todos os sujeitos na vida urbana.

Gunlanda e Gomes (2018), tendo como referência a condição das pessoas em situação de rua, afirmam que os modos de acessar e experimentar a cidade de Joinville está relacionado ao tipo de capital econômico que cada sujeito dispõe. Por isso, os autores compreendem que a cidade não é igual para todos(as). Ela é experimentada a partir do posicionamento de cada sujeito na dinâmica de classe, raça e gênero que compõem as relações de poder constituintes da urbe.

P1 prossegue sua fala afirmando o seguinte:

[...] A gente contribui na minha rua, a gente incentiva as pessoas a como poder deixar a rua mais bonita, pois é de chão. Comecei a incentivar com dinheiro pra colocar asfalto, então é assim, tem que contribuir né, quando mora em uma rua ou bairro é assim, tem que deixar sua marca de uma forma. (P1)

Na cidade, assim como nas regiões rurais, homens e mulheres imprimem suas marcas, deixam seus registros e inscrevem suas presenças (NOGUEIRA, 2009). P1 além de compreender que sua presença na cidade de Joinville contribui para a dinâmica econômica da mesma, considera também que sua inscrição no bairro, especificamente na rua onde mora, evidencia sua condição de sujeito histórico. Ou seja, P1 entende-se como produtor de inscrições na rua. Inscrições essas que afetam a dinâmica do bairro e da vida dos seus moradores.

Portanto, P1 anuncia um posicionamento ético-político¹: ele é um corpo que altera as condições do seu território. Sinaliza-se uma potência de ação, uma capacidade de agência (ESPINOSA, 2009). Ser sujeito de agência é ter consciência de sua liberdade para agir no mundo, mesmo diante dos impedimentos colocados para os corpos que são racializados, especialmente os corpos negros. Perceber-se como sujeito que pode “*deixar a sua marca*” é afirmar a potência dos corpos, das vozes e modos de vida daqueles que historicamente foram subalternizados. Lembrando que no caso do sujeito P1, que é imigrante negro de um país que não ocupa o centro do capitalismo mundial, portanto, um território mundialmente periférico, alterar a rua de uma cidade tida “germânica” é de significativa potência ético-política.

Outro participante da pesquisa, denominado P5, residente na cidade há 5 anos, morador do bairro Boa Vista fez o seguinte relato acerca de sua experiência com e na cidade:

Olha Joinville é um lugar bem legal para morar, não só porque somos imigrantes, mas porque Joinville está recebendo muitas pessoas de todo país. Segunda-feira passada eu ouvi uma senhora falando em espanhol no celular, então dei “oi” para ela e falei: vocês não são brasileiras? Não, somos venezuelanos - ela respondeu. Falei: que bom! Falei para ela ir ao Boa Vista e lá você vai encontrar trabalho.

¹ O sofrimento ético-político é compreendido como uma construção social e histórica que produz sentimentos de invalidez, culpabilização e humilhação nos grupos sociais incluídos perversamente na sociedade capitalista (SAWAIA, 2014).

A condição de estrangeiro impõe outras formas de pensar o mundo, as relações e a própria vida. Ocupar esse lugar possibilita, em muitos casos, a constituição de sensibilidades que possibilitam acolhimento, partilhar e fortalecimento de vínculos. É possível reconhecer esses aspectos na fala de P5. Ele realiza uma espécie de orientação para outras pessoas que são estrangeiras na cidade. Essa orientação se dá pela identificação da condição de existência no corpo da cidade joinvilense, possibilitando a partilha de informações e saberes sobre Joinville. Uma experiência ética e política, pois se experimenta uma relação de paridade e, ao mesmo tempo, de solidariedade que viabiliza conexões outras entre sujeitos.

O participante P2, residente na cidade há 6 anos, morador do bairro Jardim Iririú, faz o seguinte relato da cidade:

Bom, durante esse tempo que eu estou aqui em Joinville está sucesso, porque eu estava aqui com meu irmão, mas minha mãe não estava aqui, agora ela está aqui. Eu não tinha mulher, agora tenho. Eu não tinha filho, agora tenho. Já estou construindo uma vida, tipo, é uma escada sabe? Então pra mim Joinville é um lugar que eu me considero muito, porque aqui eu ganho meu pão e posso dizer que Joinville faz parte de mim agora, entende? Posso embora daqui do Brasil sim, mas Joinville vai ficar no meu pensamento, na minha história.

Para esse participante da pesquisa a cidade de Joinville tem sido um lugar de conquistas e realizações de vida. Contiguiba (2014) compreende que os sentidos que muitos imigrantes haitianos produzem acerca das cidades brasileiras estão relacionados aos modos como esses espaços possibilitam ou não a realização de certas projeções de vida.

Ainda sobre essa mesma perspectiva o P2 pontua que *“a cidade é boa. Logo que cheguei comecei a trabalhar. Isso era o que a gente estava procurando, uma vida melhor, então estou aqui”*. Assim como qualquer outro sujeito contemporâneo, a cidade se torna boa e espaço possível de realização de vida

na medida em que ela possibilita a produção de vínculos orgânicos, com suas respectivas proteções e reconhecimentos (PAUGAM, 2014).

Embora seja necessário sinalizar que maior parte dos vínculos orgânicos que os(as) imigrantes haitianos(as) têm em Joinville são de extrema precariedade salarial em relação aos demais trabalhadores brancos e joinvilenses. Nesse sentido, os imigrantes haitianos negros associam-se às estatísticas brasileiras que apontam o fato de que as piores condições de trabalho e remuneração ainda são experienciadas majoritariamente pelos corpos negros, quer sejam brasileiros ou estrangeiros.

OS SENTIDOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE TRABALHO EM JOINVILLE

Algo comum ao imigrante haitiano é vir sozinho ou em pequeno grupo para o Brasil, decorrentemente deixando familiares no país de origem, tendo como compromisso o auxílio no suprimento de necessidades dos que permaneceram no Haiti. Por conta disso, o trabalho é compreendido como possibilidade de manutenção financeira aqui no Brasil e envio de valor para as famílias que estão no Haiti.

O participante P3 mora no bairro Iriiriú, reside na cidade há 3 anos e trabalha como operador de produção em uma das indústrias da cidade. Durante seu relato sobre os sentidos do trabalho em sua vida afirmou o seguinte: *“Trabalho pra mim é para ganhar dinheiro, pra ajudar alguém que não tem, minha família no Haiti também. Tenho pai, mãe e irmãos lá. A gente quer ajudar né”*(P3). Tal como nos lembra Paugam (2014), o trabalho/emprego enquanto vínculo orgânico é fundamental para a manutenção dos vínculos eletivos e de filiação, levando em conta todos os seus reconhecimentos e suas proteções.

Numa sociedade capitalista o trabalho/emprego é condição fundamental para a manutenção biológica, psíquica e política. No caso dos participantes da pesquisa, a vinda ao Brasil foi mobilizada, na maior parte dos casos, pela busca

de novas condições de trabalho. Nesse sentido, a imigração dessa população pelos diversos lugares do continente americano e europeu está relacionada à busca de condições mais favoráveis de empregabilidade e sustento.

P4, residente na cidade há 1 ano, morador do bairro Itinga afirma: “*O trabalho pra mim é ajudar a família, ajudar a própria pessoal também*”(P4). Especificamente quando questionado sobre a necessidade de enviar ajuda financeira para os familiares que ainda residem no Haiti, ele afirmou o seguinte: “*Não posso ficar sem fazer nada porque gosto muito da minha mãe e pai entendeu? Quero ajudar mais meus pais. Agora eu ajudei minha mãe a fazer uma casa porque era ruim a casa, quando tinha chuva entrava água, é complicado*”.

Na mesma perspectiva, P7, residente há 3 anos na cidade e morador do bairro Itaum narra o seguinte: *Todo estrangeiro que vem aqui tem família que ficou no Haiti, filho, pai, mãe, tem que mandar dinheiro todo mês. Se não trabalhar é difícil [...]eu sou estrangeiro e não posso ficar sem fazer nada, tenho família no Haiti*”. Embora percebem-se as condições precárias de trabalho dessa população aqui no Brasil, especialmente na região sul, os participantes da pesquisa apontavam para a necessidade de manutenção dos familiares que permaneceram no Haiti o principal motivo para enfrentar qualquer condição de trabalho no contexto brasileiro.

A expectativa de conseguir trabalho, melhorar a condição de vida pessoal e dos outros integrantes da família que ficaram no Haiti são os principais motivos da imigração das pessoas que participaram dessa pesquisa. As narrativas dos participantes entrelaçam afetos, memórias e projeções de futuro como mediações para o enfrentamento dos desafios cotidianos nos locais de trabalho e na cidade de modo geral. Os vínculos de filiação mobilizam de forma potente as ações desses sujeitos na dinâmica de trabalho da cidade. Embora seja necessário sempre destacar que esses corpos ocupam um lugar racializado. Não são imigrantes brancos, europeus ou norte-americanos. São imigrantes negros. Portanto, além da condição de estrangeiros e imigrantes respondem, também, pelo lugar da raça.

OS SENTIDOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE LAZER EM JOINVILLE

Outra discussão que emergiu durante a investigação foi sobre o lazer. Em conexão com as discussões sobre cidade e trabalho está a discussão sobre o lazer. Pensar essa conexão na contemporaneidade é verificar a inseparabilidade entre os espaços de trabalho/emprego e lazer. Destarte, o lazer contemporâneo se apresenta como possibilidade de distanciamento das relações empregatícias e, ao mesmo tempo, como uma das formas de capturar os sujeitos para uma lógica de trabalho.

A incongruência é que atualmente o lazer também foi confinado pela lógica da produtividade e rendimento, tornando-se possibilidade de captura de mais-valias (SERPA, 2016). Essa complexidade aparece na fala do participante P2 ao relatar o seguinte:

Lazer pra mim é sair do serviço, tomar meu banho e relaxar, escutando “sonzinho”. Assistir filme eu assisto muito. Eu me satisfaço muito assim [...] lazer às vezes, sair com a família no shopping faz parte do meu lazer, mas isso não é todo dia ou toda semana entende? Mas estou tranquilo assim. (P2)

A partir dessa narrativa percebe-se que o lazer não é produzido em espaços públicos tal como muitos dos outros moradores da cidade. Muitos dos participantes relatam que as principais práticas de lazer são intimistas, como assistir filme ou escutar músicas. Ao que parece, os imigrantes não sobem o mirante, não acessam com frequência as praias mais próximas da cidade, não acessam com frequência os lugares consagrados como espaços de lazer público.

Quando questionado sobre os sentidos do lazer, P1 fez o seguinte relato: *“Lazer pra mim é a forma que estou vivendo, para outra pessoa pode ser ir à praia, shopping, mas para mim ainda não. Então lazer pra mim é a forma que você se sente melhor”* (P1). No mesmo sentido P7 diz que lazer seria *“ficar em*

casa assistindo televisão. No Haiti era diferente, sábado e domingo ia à praia” (P7). Já o P5 afirma que o “nosso lazer acho que é só ir na igreja né”(P5).

A condição de imigrantes impõe uma série de limitações no modo como se experiencia a cidade. Entre essas limitações está o acesso aos locais de lazer da cidade. A partir do relato do P7 podemos perceber que existe uma alteração na forma como se produzem práticas de lazer no Haiti e na cidade de Joinville. Lá, era possível ir à praia, mas aqui só é possível desenvolver atividades de lazer em casa, ficar vendo televisão ou ir para a igreja.

Esse processo evidencia a transformação radical que imigrantes haitianos experimentam ao saírem de seus contextos anteriores de vida. Na experiência dos participantes da pesquisa estar longe de casa é também distanciar-se das práticas de lazer que costumavam realizar, pois estão em um novo contexto de vida, com novas configurações e desafios.

Ao mesmo tempo, P1, por exemplo, compreende que o lazer tem a ver com aquilo que lhe deixa bem, aquilo que potencializa seu corpo e produz bem-estar pessoal. Apesar das condições socioeconômicas precárias que muitos desses imigrantes enfrentam, verificamos uma espécie de “potência de ação” (SAWAIA, 2014) que possibilitava a criação de condições outras de vida, dentro das contingências às quais estão submetidos. Procurar fazer o que faz bem, mesmo com as limitações dos acessos, é desenvolver “valores éticos na forma de sentimentos, desejo e necessidades, para superar o sofrimento ético-político” (SAWAIA, 2014, p. 115).

As práticas de lazer estão relacionadas ao tempo de ociosidade, descanso e distanciamento das atividades laborais. Ter tempo para desligar-se do trabalho é fundamental para a produção de saúde e bem estar. É fundamental para a elaboração das inúmeras coisas que nos acontecem cotidianamente. O lazer dá espaço para a imaginação, ludicidade e criatividade, condições necessárias para (re)criação da vida e dos sentidos sobre ela. Por isso é que as atividades recreativas e de lazer são fundamentais para o cotidiano de uma cidade e dos sujeitos que nela transitam.

Outro aspecto comum nas falas dos participantes do estudo é a compreensão de que ir à igreja e estar junto com a família e amigos eram formas de recuperar as energias para o trabalho. Tanto a religião quanto os encontros com os outros haitianos aparecem como formas de vínculos potencializadores na construção de repertórios afetivos para o enfrentamento da saudade dos familiares que ficaram no Haiti, falta da cultura e do país de origem.

Além disso, a igreja e os amigos compõem o conjunto de espaços que chamamos de lugares de calor (SAWAIA, 1995). Aqueles espaços e tipo de relações que esquentam os corpos, aumentam sua temperatura a fim de potencializar sua capacidade de agir no espaço e tempo. Os lugares de calor são espaços centrais para a produção de saúde mental e constituição daquilo que a mesma autora chama de felicidade pública: sentimento que advém do fato de ser reconhecido e protegido pela comunidade política na qual estamos vinculados.

Segundo essa autora, “para que um espaço adquira o sentimento de ‘meu’ é preciso mais que a familiaridade. O que produz o calor do lugar é segurança e uma forte dose do sentimento de sentir-se gente entre pares” (Sawaia, 1995, p. 23). O calor do lugar é, pois, condição necessária para qualquer sujeito, em qualquer condição. Os encontros com outros imigrantes haitianos têm sido momentos de calor, tempo de fortalecimento de vínculos e momento de produção de memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa visou estabelecer relações entre cidade, trabalho e lazer de pessoas haitianas em Joinville. Assim, os dados obtidos foram organizados e de acordo com os sentidos que emergiram no discurso dos participantes. Com base nos resultados apresentados, considera-se que o estudo possibilitou a compreensão dos saberes e dizeres que sujeitos haitianos produzem acerca de suas experiências com a cidade de Joinville. Cabe pontuar um alcance

significativo no objetivo da pesquisa, sendo possível conhecer como os participantes produzem lazer e, conseqüentemente, suas relações com o trabalho.

Sugere-se que novos estudos sobre esse tema sejam realizados para que possam colaborar com as discussões teóricas contemporâneas sobre as relações entre migração, relações étnico-raciais e vida urbana. Dentre as alternativas de estudos que podem ser realizadas, indica-se que pesquisas de cunho semelhantes sejam realizadas com pessoas haitianas do sexo feminino, pois a maioria dos participantes deste estudo foram homens.

Vale lembrar também que as discussões sobre a constituição das cidades brasileiras e suas dinâmicas devem sempre levar em conta as implicações que as teorias racistas tiveram na organização das paisagens urbanas e na distribuição geográfica das populações negras e no tipo de presença valorizada e, conseqüentemente, oficializado nas cidades que compunham a então colônia portuguesa. Essa perspectiva é fundamental para a compreensão dos modos como os “novos” imigrantes negros, especialmente haitianos e africanos, circulam pelas cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. L. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, C. D.; SANTANA, V. A. Violência Contra Haitianos e a Repercussão na Mídia Brasileira. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Caxias do Sul, RS., ano 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0128-1.pdf> acesso em 12.06.2020.

AZEVEDO, E. M. S. Os imigrantes e as ressignificações identitárias: ambivalência da brasilidade. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, [S.l.], n. 20, dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/31175/0> acesso em 14.05.2020.

- ASSIS, N. Cidade Polifônica: indícios de memórias outras na paisagem. Tese de Doutorado. Orientadora: Andreia Vieira Zanella. Florianópolis: UFSC, 2016.
- BAPTISTA, L. A.; FERREIRA, M. S. (org.). Por que a cidade? Escritos sobre a experiência urbana e subjetividade. Niterói, Editora da UFF, 2012.
- BAKHTIN, M. Problemáticas da Poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense, 2008.
- _____. Problemas da poética de Dostoiévski. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. (Revista). Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- BERRI, B.; ZANELLA, V. A.; ASSIS, N. Imagens da cidade: o projeto ArteUrbe. *Rev. Polis e Psique*, 5(2): 2015, pp. 123 – 149. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/48069> acesso em 20.06.2020.
- CANEVACCI, M. A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- COTINGUIBA, Geraldo Castro. Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios. Porto Velho/RO, 2014.
- ESPINOSA, B. Ética. (Tomaz Tadeu, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- GOMES, M. A. Os impactos subjetivos dos fluxos migratórios: os haitianos em Florianópolis (SC). *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 29, 2017. disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822017000100236&script=sci_abstract&tlng=pt acesso em 22.06.2020.
- GOMES, A. H.; GUNLANDA, O. A. C. Entre telas e cenas da rua: a mediação audiovisual no encontro com vidas outras nas cidades. In: Juliano Del Gobo. (Org.). *A psicologia frente ao contexto contemporâneo*. Ponta Grossa: Antonella Carvalho de Oliveira, 2018.
- MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In A. A. P. Brandão (Org.). *Cadernos Penesb* 5, Niterói: EdUFF, 2004.
- MENEGASSI, R. J. CAVALCANTI, R. S. M. Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. *Alfa*, São Paulo, 57 (2): 433-449, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alfa/v57n2/05.pdf> acesso em 05.06.2020.
- NOGUEIRA, M. L. M. Subjetividade e materialidade: cidade, espaço e trabalho. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 69-85, Apr. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198402922009000100006&script=sci_abstract&tlng=pt acesso em 21.06.2020.

PAUGAM, S. o enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial no processo de desqualificação emocional. In: Artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Bader B. Sawaia. 14^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PINHEIRO, K. F.; SOARES, J. C. Cidade do lazer: expectativa de prazer. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v.9, n. 3, p. 963-982, set. 2009. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300010

SAWAIA, B. B. (org). Artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 14^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCHUCMAN, L. V. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Orientadora: Leny Sato. São Paulo: USP, 2012.

_____. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. Psicologia & Sociedade, 26(1), 2014, 83-94. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822014000100010&script=sci_abstract&tlng=pt acesso em 12.06.2020.

SCHWARCZ, L. M. O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil. 1^a reimpressão, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1995.

SERPA, A. Lazer e trabalho no espaço urbano-metropolitano contemporâneo. **Mercator**, Fortaleza, v. 14, n. 4, p. 137-148, fev. 2016. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S198422012015000400137&lng=en&nrm=iso&tlng=pt acesso em: 20.06.2020.

SOUZA, S.; BOING, E. M. A Imigração Haitiana em Joinville (SC) e as Estratégias de Inserção em Busca da Cidadania. Curitiba, 9 set, 40^o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017. Disponível em:
<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0725-1.pdf> acesso em: 20.06.2020.

SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. Psicol. Soc. [online]. vol.20, n.spe, 2008, pp. 70-77. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000400010&script=sci_abstract&tlng=pt acesso em 20.06.2020.

WEBER, J. L. A. *et al.* Imigração Haitiana no Rio Grande do Sul: Aspectos Psicossociais, Aculturação, Preconceito e Qualidade de Vida. Psico-USF, [S. l.], 2019, p. 173-185. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-82712019000100173&lng=en&nrm=iso&tlng=pt acesso em 20.06.2020.

Orlando Afonso Camutue Gunlanda

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor da Faculdade Guilherme Guimbala. gulondapsi@gmail.com

Mateus Santos

Graduado em Psicologia pela Faculdade Guilherme Guimbala. mateusdsantoss@gmail.com

Recebido em 23 de junho de 2020.

Aceito em 28 de junho de 2020.